USOS DO ADVÉRBIO *MEIO*: MODALIZAÇÃO E FLEXÃO

Ivone da Silva Nóbrega (UFF)

I- INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo principal fazer um estudo acerca do chamado fenômeno de flexão do advérbio *meio* na língua portuguesa, os fatores que o motivam, o contexto em que ocorre e sua relação com determinados aspectos ligados à modalização.

Baseados numa visão funcionalista, concebemos a língua como um instrumento de comunicação, sujeito às pressões do uso e ligado a atitudes práticas do homem em relação ao mundo, isto é: "O sentido das palavras deveria ser extraído a partir de seus usos, sendo a função fundamental da língua não a expressão do pensamento, mas sim a sua função enquanto meio de comunicação", Macedo (1998, p. 71-72).

Assim, vamos considerar que a flexão do advérbio *meio* na língua portuguesa não é gratuita e não deve ser encarada simplesmente como um erro, ou mesmo como uma impropriedade em relação à norma culta. Trilhando caminhos opostos a esse pensamento, pretendemos descrever interpretativamente essa alternância, buscando analisar os fatores que a motivam e, como já dissemos, o contexto em que ocorre.

Partimos do princípio de que o item lingüístico *meia*, como forma flexionada do advérbio *meio*, é usado efetivamente na língua portuguesa, não sendo nossa preocupação, portanto, provar a existência desse uso, mas sim levantar suas ocorrências, descrevendo-as.

Na antropologia, Malinowski *apud* Macedo (1998, p. 72) procurou "(...) explicar cada fato culturalmente em função de outras estruturas sociais mais abrangentes". É o que Macedo (1998) chama de "postura teleológica", ou seja, analisa-se e explica-se uma coisa em função de outra: "Cada fato social foi explicado por Malinowski por sua função de satisfazer às necessidades humanas (...)". Para Malinowski, todos os fatos sociais tinham uma função determinada.

Dentro desse pensamento, a língua aparece ligada a atitudes práticas do homem em relação ao mundo. Dessa forma, a interpretação que o usuário da língua dê a uma determinada sentença, ou o uso que ele faça de um dado item lingüístico, pode ir além do significado marcado apenas pela tradição gramatical, isto é, as expressões lingüísticas só podem ser explicadas num contexto maior.

Segundo Silva (2001, p. 2),

> A Lingüística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autónomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual.

A proposta de inserir as expressões lingüísticas num contexto mais abrangente é abordada por Neves (2001, p.15), quando esta afirma que a gramática funcional considera a competência comunicativa, que seria a capacidade que o indivíduo tem de não apenas codificar e decodificar expressões, mas de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. A autora nos lembra, ainda, que:

> (...) a expressão *competência comunicativa* é geralmente relacionada com Hymes (1974), que justamente propunha acrescentar ao processo tradicional de descrição gramatical a descrição das regras para o uso social apropriado da linguagem.

Podemos dizer, então, que um uso social apropriado da linguagem apontaria para a concepção da língua como um instrumento da interação verbal, considerando-se que, nessa interação, estariam envolvidos elementos como, por exemplo, as informações pragmáticas do

usuário da língua. A pragmática, aqui entendida como o conhecimento de mundo trazido pelo falante e pelo ouvinte, aparece como importante fator na constituição das expressões lingüísticas.

Inserir o estudo das expressões lingüísticas numa visão que considera a pragmática como um quadro abrangente, pode implicar também a consideração de outros aspectos que, provavelmente, fazem parte do escopo da interação social, como o conhecimento de mundo trazido pelo usuário da língua no momento da enunciação. A interpretação que um usuário da língua dê a uma sentença pode ir além do significado marcado apenas pela competência gramatical. Como afirma Neves (2001, p. 99),

> num modelo cognitivista da gramática se supõe que a estruturação das categorias lingüísticas se faz dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação de todas as categorias humanas, por exemplo as perceptuais. Supõe-se, pois, que a teoria gramatical deve ser capaz de dar conta das relações entre as categorias lingüísticas e as categorias cognitivas, considerando-se uma relação icônica entre os sistemas

Estabelecendo um paralelo entre o ato de categorizar e as atividades cognitivas em si, Taylor (1989) pontua três posições acerca da categorização lingüística: a do nominalismo, a do realismo e a do conceptualismo. O nominalismo sustenta, por exemplo, que o nome *cachorro* e o ser assim chamado nada têm em comum. O realismo afirma que a palavra nomeia categorias pré-existentes (as categorias já estavam lá antes mesmo de serem nomeadas), enquanto o conceptualismo postula que a palavra e a escolha das entidades que serão designadas por essa palavra são mediadas por uma entidade mental: o conceito. Graças ao conhecimento que o usuário da língua tem, por exemplo, a respeito do conceito *cachorro*, ou do significado que carrega essa palavra, é possível categorizar entidades diferentes como *cachorro*. Várias raças de cães, cada uma com suas especificidades próprias, são reconhecidas como portadoras de características comuns a um conceito específico, que permite que todas sejam chamadas de *cachorro*.

Por um lado, podemos admitir que os conceitos refletem a convenção lingüística: o usuário conceitua através da sua observação do uso convencional de determinadas palavras. Por outro lado, podemos pensar que cada conceito espelha propriedades realmente existentes no mundo. Dentro dessa visão, os conceitos não são criações arbitrárias, mas constituem parte do nosso entendimento de como o mundo realmente é.

É fato que a língua impõe uma série de categorias aos seus usuários. Entretanto, convencionalização não é sinônimo de arbitrariedade. As categorias codificadas numa língua podem ser motivadas, em graus variados, por fatores ligados à maneira como os seres humanos interagem, numa dada cultura, com o mundo, e pelos processos cognitivos de formação da concepção em si. A dialética entre a convenção e a motivação, diz Taylor, dá origem ao fato de que as categorias codificadas numa língua nem sempre têm uma correspondência um-para-um numa outra língua. As línguas são, de fato, diversas a esse respeito.

O processo de categorização pode tratar dos significados das formas lingüísticas e da categorização do mundo, que é conseqüência do conhecimento dessas formas lingüísticas. Assim, podemos pensar a linguagem como uma criação da cognição humana e um instrumento nesse serviço. O ato de categorizar é uma habilidade cognitiva, portanto, o estudo do processo de categorização poderá contribuir para o melhor entendimento das próprias formas lingüísticas utilizadas no processo, isto é, as categorias estruturais da linguagem podem ser vistas, de uma certa forma, como análogas às categorias com que o homem percebe o mundo *não-lingüístico* que o cerca. Há que se estabelecer, portanto, um paralelo entre categorias gramaticais – e aí incluímos nosso objeto de estudo – e cognição. Retomando Neves (2001, p. 99 e 100): “Enquanto alguns limitam a motivação cognitiva às representações conceptuais – especialmente ao domínio do léxico – outros estendem essa motivação a toda a gramática (...)”.

A proposta de um uso do advérbio *meio* ligado a um contexto que pode motivar sua flexão deve ser relacionada à consideração de gramática como um: “(...) instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável”.

Esta pesquisa será norteada pelas seguintes hipóteses:
a) Existe uma construção predicativa do tipo: substantivo (feminino) + *meia* + adjetivo (feminino) que motiva a flexão do advérbio *meio*;
b) Essa construção pode apresentar diferentes graus de integração de seus elementos;
c) A construção predicativa que motiva a flexão do advérbio *meio* não demonstra estar diretamente relacionada a alguma sincronia específica, a algum tipo, ou gênero textual, ou mesmo à modalidade oral ou escrita da língua – podendo, inclusive, ser encontrada em outras sincronias da língua, sempre que o contexto oferecer as condições necessárias para tal;
d) O item lingüístico *meia* está envolvido num contexto marcado pela modalização da informação e esse contexto se apresenta como facilitador da flexão do advérbio *meio*;
e) A situação de modalização/subjetivação, facilitadora da flexão do advérbio *meio*, é marcada pela presença de determinados recursos lingüísticos;

Entendemos que ao admitirmos que existe um fenômeno que envolve a flexão do advérbio *meio* na língua portuguesa, justifica-se a necessidade de uma pesquisa que investigue, descreva e proponha alguns questionamentos que tratem de aspectos tais como: os fatores que motivam essa flexão, o contexto em que aparece e a possível existência desse uso em outras sincronias da língua.

Interessa-nos propor que lancemos um novo olhar sobre a flexão do advérbio *meio*, de forma que possamos considerar tal flexão como integrante de uma construção não-equivocada, mas aceitável.

II – REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo pretende descrever os usos do advérbio *meio* – sua modalização e flexão – à luz de alguns pressupostos teóricos relacionados ao Funcionalismo.

A visão funcionalista, como já dissemos, admite a não-autonomia da língua, ou seja, a possibilidade de a língua estar sujeita às pressões do uso. Dentro dessa perspectiva, podemos falar num fenômeno chamado de gramaticalização, que é definido nas palavras de Hopper & Traugott *apud* Neves (2001, p. 115):

> (...) como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais

Trata-se de um fenômeno de mudança lingüística que pode compreender várias trajetórias, dentre elas, como afirmam Martelotta et alii (1996, p.47):

> a) A trajetória de elemento lingüístico do léxico à gramática, que compreende, por exemplo, a passagem de verbo pleno a verbo auxiliar, como ocorre com o verbo de movimento ir (de perto para longe do falante), que passa a designar futuro como auxiliar
>
> b) A trajetória de vocábulo a morfema, que ocorre, por exemplo, com a passagem amar + hei > amarei e tranqüila + mente > tranqüilamente
>
> c) A trajetória de elemento lingüístico da condição de menos gramatical (ou menos regular) para mais gramatical (ou mais regular), como acontece, por exemplo, com seja > seje e menos > menas, por influência forte da analogia

Nesse processo de mudança, admite-se que um item lingüístico possa exercer funções específicas num dado contexto. A gramática da língua está, então, sujeita às pressões do uso efetivo que o usuário faz dessa mesma língua – o usuário tem a capacidade de usar as expressões lingüísticas de uma maneira interacionalmente satisfatória.

Não há, entretanto, um consenso acerca dos processos de gramaticalização, como nos alertam Martelotta *et alii* (1996, p. 53):

> Heine *et alii*, por exemplo, falam em transferência metafórica, Lehmann (1991) aponta a importância da analogia no processo (...) Em Traugott e König (1991) lê-se que o tipo de mecanismo que efetua a gramaticalização depende da natureza particular da função envolvida no processo (...) Já em Hopper e Traugott (1993), vê-se uma tendência a considerar a transferência metonímica, e não a metafórica, e a reanálise, e não a analogia, os mecanismos que predominam maciçamente na mudança por gramaticalização. E Givón (1995), ao analisar o grau de integração entre cláusulas, cita o processo de reanálise

Para este estudo, especificamente, vamos adotar a perspectiva de que a gramática de uma língua pode apresentar padrões regulares e mecanismos de codificação emergentes. Novas estruturas podem surgir por motivações comunicativas e cognitivas. Uma determinada estrutura ou construção pode espelhar uma organização cognitiva específica por parte do enunciador: as variações formais refletem variações conceptuais e perceptuais. O significado de uma expressão lingüística (lexical ou gramatical) envolve fatores relacionados à maneira como o usuário da língua constrói e interpreta o item lingüístico em questão – gramaticalização como emergência de novas estruturas.

2.1 – Iconicidade e proximidade semântica e sintática

O recorte que fazemos da visão funcionalista vai considerar uma estrutura que apresenta as seguintes características, de acordo com Givón (1995):

- serve a funções cognitivas e comunicativas
- é não-arbitrária e motivada
- é maleável e não-rígida

Dentro desse pensamento, percebemos que nosso estudo, num primeiro momento, aponta para um fenômeno conhecido como princípio da iconicidade.

Segundo Furtado da Cunha *et alii* (2003, p. 29 e 30):

> Em lingüística, iconicidade é definida como a correlação natural entre forma e função, entre o código lingüístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo). Os lingüistas funcionais defendem a idéia que a estrutura da língua reflete, de algum modo a estrutura da experiência. Como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é que a estrutura lingüística revela propriedades da conceitualização humana ou as propriedades da mente humana

Os autores afirmam, ainda, que o princípio da iconicidade apresenta o subprincípio da integração, que prevê que os conteúdos mais próximos cognitivamente aparecem mais integrados no nível da codificação: "(...) o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto".

Givón (1990) postula que a proximidade funcional, conceptual ou cognitiva pode refletir-se no nível da codificação.

Estabelecendo uma ponte entre a fala dos autores e relacionando-as com nosso objeto de estudo, passaremos a considerar a existência de uma construção predicativa do tipo: substantivo (feminino) + *meia* + adjetivo (feminino) que, analisada na sua totalidade, reflete, no nível da codificação, motivações que seus elementos encontram no nível conceptual e perceptual. A proximidade e a integração que os elementos apresentam no nível sintático-semântico espelha aspectos relacionados ao usuário da língua: sua própria vivência e experiência com relação aos usos lingüísticos e a maneira pela qual sua mente é capaz de construir representações.

Queremos propor uma análise que leve em conta aspectos estruturais da língua e aspectos relacionados ao usuário dessa língua: interface conceptual entre sintaxe e semântica com uma base pragmática e ligada à experiência do uso da língua.

Considerando o predicativo como um termo qualificador, vamos analisar o que, para este estudo especificamente, passaremos a chamar de construção predicativa, doravante CP. Tal construção apresenta um modelo que, acreditamos, motiva ou favorece a flexão do advérbio *meio*.

Goldberg (1995) propõe uma abordagem construcional da gramática que seja capaz de caracterizar toda a classe de construções existentes no repertório de uma língua. Em termos bem gerais, a autora define construção como um par composto de forma e sentido – *a form-meaning pair* – no qual construções mais esquemáticas podem possuir um significado próprio mais abstrato e, de certa forma, independente dos elementos lexicais que compõe o esquema, isto é, alguns aspectos da forma ou do sentido não podem ser totalmente previsíveis a partir da observação isolada dos componentes que formam a construção – há que se perceber a construção como um todo.

A concepção de uma construção que apresenta uma motivação unitária vai ao encontro do objetivo primeiro deste estudo, que se resume em investigar a existência de uma CP. Acreditamos que essa CP pode ser motivada por aspectos semântico-pragmáticos e modelos cognitivo culturais, como prevê uma perspectiva simbólica[1] da gramática (Langacker,1987).

Para efeitos deste estudo, vamos considerar uma CP que:

● possui uma forma (configuração sintática) e um sentido (condições de uso);
● apresenta motivações sintático-semântico-pragmáticas;
● é um todo unitário (motivação unitária).

Traugott (2007) comenta que construções gramaticais também podem gramaticalizar-se, o que nos leva a supor que a CP que investigamos pode ser interpretada como um material gramatical que continua a se gramaticalizar, no sentido de se tornar mais regular, através da integração de seus elementos. Interessa-nos analisar os elos da construção pelo princípio da motivação.

Vejamos dois exemplos retirados dos dados levantados.

(a) *É porque ela não gosta, sabe? [de]- de dizer assim, porque- sei lá ! ela acha que já é diferente, a outra já me criou- (est) sabe como? Então, é (hes) - [uma]-* uma **coisa meia complicada**." (PEUL)

(b) *Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores* a **janela meia aberta** *de uma habitação antiga mas não delapidada – com certo ar de conforto grosseiro, e carregada na cor pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta.* (*Corpus* do Português)

Nos dois exemplos, percebemos a existência da seguinte construção predicativa:

Quadro I: Uma construção predicativa

substantivo feminino	*meia*	adjetivo feminino
(a) *uma coisa*	*meia*	*complicada*
(b) *a janela*	*meia*	*aberta*

Considerando que a estrutura lingüística pode refletir propriedades cognitivas, podemos pensar essa construção como um todo integrado estruturalmente e cognitivamente. O item *meia* aparece entre dois nomes femininos que estão muito próximos no nível da construção em si.

Com relação à estrutura da língua, tem-se, em termos gerais, a seguinte informação: o adjetivo qualifica o substantivo e com ele concorda.

[1] Langacker (1987) propõe a noção de domínio cognitivo, que seria qualquer área de conhecimento que possa servir de base para a significação de uma *unidade cognitiva*. Os domínios chamados de *básicos* seriam aqueles capazes de representar experiências humanas cognitivamente irredutíveis, como espaço, temperatura, tempo, gosto, força, dor, cor, etc. Os domínios complexos seriam, em termos bem gerais, categorias caracterizáveis em relação aos domínios básicos

Nos dois exemplos, percebemos que o substantivo feminino que irá integrar a CP em questão está em evidência e é anunciado pelo usuário da língua, que se vale de informações anteriores para enfatizá-lo. No exemplo (a), com relação à *coisa* (complicada), temos as seguintes informações: *ela não gosta de dizer*; *ela acha que já é diferente*; *a outra já me criou*. Todas essas informações estão relacionadas à *coisa* (complicada). No exemplo (b), o substantivo feminino da CP também é anunciado: *Para mais realçar a beleza do quadro*; *vê-se por entre um claro de árvores* – explicações que dizem respeito à *janela* (aberta). Percebemos que o substantivo feminino é relevante para o usuário e, conseqüentemente, para a mensagem a ser comunicada.

Num comentário didático sobre a classificação do predicativo, Henriques (2003, p.45) explica que:

> Seria muito mais prático dizer que o predicativo é um termo que tem a função específica de "qualificar" outro. Ao citarem apenas o sujeito e o objeto direto como termos qualificáveis pelo predicativo, a NGB e as gramáticas tratam parcialmente de sua potencialidade. No caso dos predicados verbo-nominais (ou mistos) o que ocorre é a fusão, numa só oração, de duas estruturas subjacentes

Retomando o subprincípio da integração – "(...) o que está mentalmente junto coloca-se sintaticamente junto" – entendemos que os conteúdos mais próximos cognitivamente estão mais integrados no nível da codificação. Pela maneira como o usuário anuncia o substantivo feminino, percebe-se que, quando finalmente a CP aparece, seus elementos estão de tal forma próximos e integrados que se encontram motivos suficientes para a flexão do advérbio *meio* dentro desse contexto. A flexão não é gratuita. Ela é motivada, tendo em vista a proximidade funcional, conceptual e cognitiva de seus elementos, conforme postula Givón (1990).

Gostaríamos de ressaltar que o exemplo (a) foi retirado de um banco de dados da sincronia atual e o (b) do *corpus* que elegemos como representativo de textos escritos de outras sincronias da língua – o *Corpus* do Português.

2.2 – Modalização

Segundo Castilho *et alii* (2002, p. 201), diferentes indagações de interesse para uma teoria da linguagem têm destacado a importância do *modo* na estruturação e na interpretação das sentenças. Afirmam ainda os referidos autores, que:

> A gramática tradicional reconhece dois grandes componentes na sentença: o componente proposicional, constituído de sujeito + predicado (= *dictum*), e o componente modal, que é uma qualificação do conteúdo da forma de P, de acordo com o julgamento do falante (= *modus*). Esse julgamento se expressa de dois modos: (1) o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não-polar) e jussiva (imperativa ou optativa); (2) o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo.
> Designa-se habitualmente a estratégia (1) por *modalidade* e a estratégia (2) por *modalização*. Essa distinção é pouco especiosa, pois de qualquer forma há sempre uma avaliação prévia do falante sobre o conteúdo da proposição que ele vai veicular (...)

Também Neves (2002, p.171-172) nos lembra que "diferentes teóricos têm tentado diferentes tratamentos à modalização lingüística, privilegiando ora a sintaxe (Ross, 1969), ora a semântica (Lyons, 1977), ora, mesmo, a pragmática (Parret, 1976; Kerbrat-Orecchioni, 1977)".

Tento em vista a complexidade do assunto, este trabalho pretende referir-se à modalização, em termos gerais, como um conjunto de estratégias que focalizam o posicionamento do enunciador frente à construção do enunciado e a possibilidade de sua intervenção avaliativa do conteúdo da mensagem veiculada. Seria a presença da subjetividade no discurso e um comprometimento do enunciador em relação ao que expressa.

Segundo Benveniste (1988), o sujeito enunciador pode apoderar-se de uma língua historicamente constituída, observando a tradição gramatical e, ao mesmo tempo, imprimindo nela

sua marca. Dentro dessa apropriação subjetiva da língua, podem-se reconhecer marcas dos participantes no ato interativo de que tomam parte.

Vamos assumir, então, que os elementos lingüísticos não se prestam apenas à transmissão de informação, mas também podem ser vistos como mecanismos capazes de exprimir ausência de certeza por parte do enunciador quanto à validação da informação. Trata-se de um processo avaliativo, que pode oscilar entre o provável, o possível, o incerto, denotando uma certa indecisão do enunciador diante da eleição de um determinado valor, em termos de probabilidades de validação.

Ainda dentro do estudo da modalidade, Neves (2002, p. 187) afirma que, num exame mais acurado das formas como as modalidades podem-se manifestar, é possível falar de uma modalização no eixo do conhecimento. Nas palavras de Neves, trata-se de uma avaliação epistêmica, que:

> (...) se situa em algum ponto do *continuum* que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) *certo*, se estende pelos limites e indefinidos graus do *possível*. A língua dispõe de uma série de expressões para relativizar os diversos pontos desse espaço, conforme convenha à intenção comunicativa

Martelotta (2004, p. 82), num estudo sobre operadores argumentativos e marcadores discursivos, busca uma análise que caminha no sentido de:

> (...) compreender os usos de um conjunto de itens lingüísticos de natureza diferente, apesar de serem tradicionalmente englobados em um rótulo único. De um lado, observamos itens como *apenas* e *mal*, que além do seu uso como advérbio, apresentam uma tendência de ocupar posições mais fixas (...) De outro lado, analisamos itens como *né?* E *tá?* ("eu me embriaguei...tá?), que, ao contrário dos anteriores assumem tendências um pouco mais livres, apresentando um leque maior de possibilidades de colocação. Elementos desse tipo tendem a desempenhar funções mais voltadas à adaptação do discurso ao contexto de produção, sendo praticamente exclusivos da fala

O autor concebe dois processos distintos de mudança lingüística: gramaticalização e discursivização. Aquele levaria o item lexical a funcionar como operador argumentativo, assumindo funções ligadas à organização interna do texto, enquanto este levaria o item a adquirir função de marcador discursivo, modalizando ou reorganizando a produção da fala. Tais processos são aplicáveis a um conjunto de itens lingüísticos de naturezas diferentes, mas que são, em linhas gerais, tradicionalmente tratados sob o rótulo de advérbios.

Embora estabeleça algumas distinções entre operadores argumentativos e marcadores discursivos, Martelotta constata muitas características comuns aos dois processos, sendo uma delas o fato de ambos assumirem funções pragmático-discursivas e um comprometimento com a subjetivação.

É dentro da perspectiva de que um item lingüístico pode apresentar um uso discursivizado, num determinado contexto pragmático-discursivo, que vamos estabelecer, para efeitos desta investigação, uma proposta de ligação entre três importantes aspectos: a presença de elementos discursivizados nos dados analisados, a relação desses elementos com um contexto marcado pela modalização e a influência dessa modalização na flexão do advérbio *meio*. O que queremos dizer é que existe um contexto específico que motiva a flexão do advérbio *meio* e esse contexto revela-se comprometido com a tentativa do enunciador de avaliar quantitativamente a mensagem transmitida.

2.3 – Estabilidade e continuidade semântica e sintática – brevíssimos comentários

Furtado da Cunha et alii (2003, p. 86) comentam que:

> A perspectiva pancrônica do estudo dos fatos lingüísticos, ao permitir a comparação entre várias sincronias da língua, dá maior visibilidade aos aspectos relacionados à continuidade

> e à estabilidade, e, conseqüentemente, os resultados das pesquisas confrontam-nos com um novo elenco de questionamentos

Os autores atentam para o fato de que enunciados representativos de outras sincronias do português chamam a atenção para a possibilidade da existência de processos contínuos, regulares e estáveis, assim como princípios de caráter atemporal.

Furtado da Cunha et alii (2003, p. 73 e 74) afirmam , ainda, que:

> O olhar pancrônico pressupõe a adoção explícita do princípio do uniformatarismo como hipótese de trabalho. Tomado emprestado da geologia do século XVIII, o uniformatarismo tornou-se uma das bases do pensamento neogramático[2]. Em formulação de Brugman (ap. Labov, 1994, p. 22), 'os fatores que produziram mudanças na fala humana cinco ou dez mil anos atrás não podem ter sido essencialmente diferentes daqueles que estão operando ou transformando as línguas vivas'

Retomando nossas hipóteses iniciais, acreditamos que a construção predicativa que motiva a flexão do advérbio *meio* não está diretamente relacionada a alguma sincronia específica, ou, como já comentamos, a algum tipo, ou gênero textual. Acreditamos que um contexto específico e motivador constitui fator preponderante nesse fenômeno. E tal fator pode atuar em várias sincronias, sempre que a situação comunicativa o favorecer.

Algumas pesquisas importantes relativizam a noção de unidirecionalidade concreto > abstrato, que envolve boa parte dos estudos relacionados à mudança lingüística dentro de uma perspectiva funcionalista. Citemos alguns exemplos: Oliveira (1997) confirma o caráter multicategorial e multifuncional de *onde* em várias sincronias do português e no latim; Ferreira (2000) mostra que o verbo *poder* apresenta um uso relacionado à modalização desde o latim arcaico e Votre (2000) mostra que os verbos de cognição *ver*, *achar*, *pensar* e *saber* exibem configurações sintático-semânticas no português atual que estão intimamente relacionadas às configurações correspondentes no latim.

De acordo com Votre *apud* Furtado da Cunha et alii (2003, p. 87) existe uma:

> (...) hipótese de extensão imagética instantânea, e não desenvolvida linearmente no curso do tempo. Segundo essa hipótese de correspondência metafórica, as tendências presentes em determinado momento do passado atuam no presente e continuarão a atuar, da mesma forma, indefinidamente, sempre que o contexto situacional de cada interação assim o exigir

Ao admitirmos a hipótese de que existe uma CP favorecedora da flexão do advérbio *meio*, entendemos que essa construção sofre pressões cognitivas e comunicativas que podem ter atuado de forma regular e constante ao longo do tempo e que continuam a atuar sempre que o usuário da língua reconhecer determinados contextos de uso como análogos.

III. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Fizemos um levantamento exaustivo das ocorrências da flexão do advérbio *meio* em dois *corpora* distintos: um representativo da modalidade oral do português contemporâneo e outro representativo de outras sincronias da língua. O *corpus* representativo da modalidade oral contempla dados retirados de entrevistas da Amostra Censo da Variação Lingüística do Rio de Janeiro, que integra o acervo do grupo PEUL (www.letras.ufrj.br/peul/), realizado e sediado na

[2] Os neogramáticos representaram uma nova geração de lingüistas que apresentaram, no final do século XIX, novos questionamentos em relação aos estudos histórico-comparativos. Foi um marco na lingüística do século XX.

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os dados de outras sincronias da língua foram colhidos do *Corpus* do Português (www.corpusdoportugues.org), em textos do século XIV ao XX.

Com relação ao fato de trabalharmos com sincronias diferentes, gostaríamos de enfatizar que não foi nosso objetivo compará-las, mas apenas mostrar que o fenômeno estudado já existia nessas outras sincronias. Com efeito, no que diz respeito às fases mais anteriores da língua, não contamos com material oral, somente com o escrito.

Para mais reforçar nosso propósito e na tentativa de sermos coerentes com nossas hipóteses iniciais, cabe lembrar, ainda, que o fenômeno em estudo não está diretamente relacionado a alguma sincronia específica, mas a um contexto que ofereça condições suficientes para seu aparecimento.

Nossa análise foi de cunho qualitativo e teve como objetivo principal descrever interpretativamente as ocorrências encontradas. Embora tenhamos feito, conforme mencionado, o levantamento exaustivo das obras integrantes dos *corpora***,** devido ao tipo de objeto de nossa pesquisa, não encontramos número expressivo de dados.

Este estudo só se ocupou da construção predicativa que apresentou o seguinte modelo: substantivo (feminino) + *meia* + adjetivo (feminino) – o *meia* como forma flexionada do advérbio *meio*. Os demais dados foram desprezados.

Em linhas gerais, a análise de dados focalizou uma CP em dois níveis distintos: o nível da codificação e o nível da cognição.

IV – ANÁLISE DE DADOS

4.1 – Uma construção predicativa

Nesta etapa da análise, buscamos motivações para a flexão do advérbio *meio*, dentro da CP – conforme mencionado – em dois níveis distintos, embora ligados na sua totalidade: o nível da codificação e o nível da cognição.

No nível da codificação, observamos a proximidade dos elementos que integram a CP em questão: substantivo (feminino) + *meia* + adjetivo (feminino).

No nível da cognição, vamos nos ater ao distanciamento dos elementos que integram a CP, analisando determinadas características das informações inseridas, naquilo que essas características possam apresentar de comprometimento com um contexto pragmático-discursivo marcado pela modalização.

Retomando a abordagem construcional da gramática (Goldberg, 1995), citada no referencial teórico, vamos buscar uma construção mais ou menos esquemática. Uma construção gramatical que se gramaticaliza, no sentido de se tornar mais regular, como um todo unitário motivador da flexão do advérbio *meio*.

4.1.1 – O nível da codificação:

No que diz respeito à proximidade dos elementos que compõe a CP, percebemos que eles apresentam graus variados de integração. Percebemos quatro graus distintos relacionados à proximidade e integração estrutural dos elementos: **(A)** CPs (+) integradas, com o verbo de ligação implícito; **(B)** CPs (+/-) integradas, com o verbo de ligação explícito; **(C)** CPs (-/+) integradas – o substantivo feminino que integra a construção refere-se ao próprio enunciador; **(D)** CPs (-) integradas – inserção de informações entre os elementos que integram a construção.

Com relação aos quatro graus de integração dos elementos da CP, primeiro serão apresentados os exemplos, seguidos de um quadro demonstrativo. A exceção fica por conta do grau **(D)**, cujos exemplos serão analisados mais detalhadamente no item 3.1.2.

(A) – CPs (+) integradas (verbo implícito):

É a estrutura que revela maior grau de motivação por proximidade sintática ou funcional de seus elementos. Apresentamos, a seguir, os dados do *corpus* que ilustram esse grau de integração:

(1) É porque ela não gosta, sabe? [de] - de dizer assim, porque - sei lá! ela acha que já é diferente, a outra já me criou - (est) sabe como? Então, é (hes) - [uma] - uma **coisa meia complicada**."(PEUL)

(2) Agora já foi, eu acho que deve ser uma **situação meia** (hes) **vexatória**. (PEUL)

(3) E então eles teve uma fase (hes) de **adaptação meia difícil**, (est) coisa de [uns]- uns três meses atrás. (PEUL)

(4) *Meus filho, eu não posso- olha, (hes.) a juventude de hoje em dia, você sabe que é* uma **juventude meia** *(est)* **para frente**, *não é? (...)* (PEUL)

(5) *Então tem esse problema! De vez em quanto falta uma* **aguazinha [meia braba].** (PEUL)

(6) *Aí, quando foi- <pa>, deitei- depois deitei aí pela sala [e]- e me acordei, eram onze hora da noite, (inint) senti a* **cachorra meia caída** *também.* (PEUL)

(7) *Eu acho que o-* **idéia meia latina**, *não é? Está aí! O latino-americano está em cima do argentino de Porto Alegre, está sabendo?* (PEUL)

(8) *(...) com que a perna firme ficava, dereita como columna do edeficio do corpo, e a* **outra meia movida**, *com que dava grande graça á fegura.* (*Corpus* do Português)

(9) *Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se por entre um claro das árvores a* **janela meia aberta** *de uma habitação antiga mas não delapidada (...)* (*Corpus* do Português)

Quadro II: Demonstrativo do grau de integração **(A)** – CPs (+) integradas (verbo implícito).

substantivo feminino	*meia*	adjetivo feminino
(1) *coisa*	*meia*	*complicada*
(2) *situação*	*meia*	*vexatória*
(3) *adaptação*	*meia*	*difícil*[3]
(4) *juventude*	*meia*	*para frente*[4]
(5) *aguazinha*	*meia*	*braba*
(6) *cachorra*	*meia*	*caída*
(7) *idéia*	*meia*	*latina*
(8) *outra*	*meia*	*movida*
(9) *janela*	*meia*	*aberta*

(B) – CPs (+/-) integradas, com o verbo explícito:

A presença do verbo entre os dois nomes femininos, acreditamos, constitui, de certa forma, uma quebra da construção como um todo – seria um nível menos integrado em relação ao nível anterior. Trata-se de estruturas como as seguintes:

[3] Adjetivo neutro.

[4] Neste exemplo, entendemos a expressão *para frente* como um termo que traz uma função adjetivada.

(10) *F- [Não, influência,] porque, às vezes, essa minha filha,* **ela fica meia agitada** *de, às vezes, meu marido vê um troço assim errado (...)* (PEUL)

(11) *De baixo para cima, não é? a* **coisa** [*está*]- **está meia dolorosa**, *("não é?") A gente está conseguindo, porque a gente está conhecendo pessoas, a gente está passando experiência, não é?* (PEUL)

(12) *F-Vontade, eu não tenho não, não é? Mas quando não der mais,* **perna começar a ficar meia mole**, *assim, quando eu correr e abrir a boca e [não]- não agüentar mais (...)* (PEUL)

(13) *F- Não. A* **mãe** *dele* **é meia legal**, *de vez em quando. O nome dela é* (14) **Marisa**. ("**É meia**") **legal**, *assim, ela brinca com a gente, mas ela não deixa ninguém entrar na casa dela.* (PEUL)

(15) *F (Vozes ao fundo) O jogo estava meio ruim; a* **turma estava meia descontrolada**; *todo mundo jogando mal, não é?* (PEUL)

(16) *Diz Vossa Mercê <original> V.M. </original> que* **Castela está meia francesa**, *França, toda poderosa e Portugal todo faminto.* (*Corpus* do Português)

Quadro III: Demonstrativo do grau de integração **(B) –** CPs (+/-) integradas (verbo explícito):

substantivo feminino	(verbo)	*meia*	adjetivo feminino
(10) *ela*	*fica*	*meia*	*agitada*
(11) *coisa*	*está*	*meia*	*dolorosa*
(12) *perna*	*começar a ficar*	*meia*	*mole*
(13) *(A) mãe (dele)*	*é*	*meia*	*legal*
(14) *Marisa*	*é*	*meia*[5]	*legal*
(15) *(a) turma*	*estava*	*meia*	*descontrolada*
(16) *Castela*	*está*	*meia*	*francesa*

(C) – CPs (-/+) integradas, com verbo explícito e os adjetivos integrantes da construção referindo-se ao próprio enunciador (uma pessoa do sexo feminino):

O adjetivo refere-se ao próprio enunciador. Nesse nível, a integração entre elementos estaria menos no âmbito da codificação ou da estruturação, pois o substantivo feminino não está explicitado na construção, é um "eu" que se refere ao próprio enunciador – uma pessoa do sexo feminino. Dessa forma, um dos elementos que compõe a CP apresenta proximidade, em relação aos outros elementos, num nível mais cognitivo: partimos do pressuposto de que quando o usuário da língua faz a flexão do advérbio *meio*, o faz tendo em foco o seu próprio *eu*. Encontram-se nesse tipo de organização as seguintes estruturas:

(17) *E- É* **eu sou meia burra** *em matéria de peixe, eu [não]- não distingo, então eu chego [lá é peço.]* (PEUL)

(18) *"Não é (rindo) qualquer pessoa que eu chamo para vir na minha casa, não! (est)* **eu sou meia chata**! *(f) aí, essa menina vem aqui de vez em quando fazer.* (PEUL)

[5] Os números (13) e (14) são dois dados referentes a um mesmo exemplo.

(19) (2) Topar tudo! ah ! (rindo) porque- (f) É topar tudo! aí É que eu te falei: É sair, passear, sabe? não esquentar a cabeca comigo, que **sou meia avoada.** Só isso. (PEUL)

(20) *F -Está bom. E é isso. Passeio (hes.)- não, tem muitas dona de casa tem bastante lugares bons que vão. Mas eu sou, eu (voz da filha) também* **sou meia chata**, *tenho medo de andar na rua. Eu tenho medo de ladrão, tenho medo de ser assaltada, eu vou morrendo de medo.* (PEUL)

(21) *F- Não tem não. Aqui é só Flamengo, não é? (risos) É só Flamengo mesmo. Agora, também eu gosto de torcer, quando é copa do mundo, não é? (est) Que eu gosto mais, é quando é o Brasil, (hes) aliás, agora,* **eu estou meia desgostosa**, *porque não se ganha nunca, não é? (risos)* (PEUL)

(22) *Mas também não- esse negócio- eu acho que mãe é mãe e pai é pai, está entendendo? Dentro da minha cabeça. (hes) ("aí")* **eu sou meia quadrada**. *Esse negócio de dizer assim:*
"não, porque a mãe é uma grande <a->- ("sua") amiguinha! Que amiguinha porcaria nenhuma, sabe? (PEUL)

Quadro IV: Demonstrativo do grau de integração **(C) –** CPs (-/+) integradas (verbo explícito): o adjetivo refere-se ao enunciador.

substantivo feminino	(verbo)	meia	adjetivo feminino
(17) *eu*	*sou*	*meia*	*burra*
(18) *eu*	*sou*	*meia*	*chata*
(19) *(eu)*	*sou*	*meia*	*avoada*
(20) *(eu)*	*sou*	*meia*	*chata*
(21) *eu*	*estou*	*meia*	*desgostosa*
(22) *eu*	*sou*	*meia*	*quadrada*

(D) – CPs (-) integradas: os elementos que compõe a CP estão distanciados, outras informações são inseridas entre esses elementos.

Neste estágio, entendemos que a proximidade entre os elementos está menos no nível da codificação e mais no nível da cognição. Consideramos que o usuário faz a flexão do advérbio *meio* levando em consideração aquilo que está mentalmente junto, embora não esteja estruturalmente junto.

O que vamos observar, nos dados que se seguem, é a maneira como os elementos da CP (substantivo feminino + *meia* + adjetivo feminino) vão-se distanciando e/ou se apresentando de formas diferentes sem, com isso, evitar que a flexão do advérbio *meio* aconteça, como nas construções a seguir:

(23) *E outra. E, às vezes, o sujeito, também, chegar e pedir as coisas no hotel, não é? essa* **passagem**, *eu vou contar para vocês***. é meia**- *não, não vou contar esse não, porque eu estou- (hes) ela vai ficar gravada aí (riso) e o negócio [fica]- fica feio, não é? (riso) (est) mas essa dai é- [foi]- foi a mais* **dura** *que eu já vi, sabe? (...)* (PEUL)

(24) *F- Ah! Foi terrível, não é? Foi terrível, que eu morava lá em cima- você sabe que o estado do não é uma* **terra meia** *assim,* **parece abandonada**, **meia desabrigada**, *não sei? (est) Então, meu filho era pequeno, não é? (...) (est) mas essa dai é- [foi]- foi a mais dura que eu já vi, sabe? (...)* (PEUL)

(25) *F- (inint) Legal. (est) uma menina legal, uma* **menina** *um pouquinho ciumenta, não é?* **meia** *(hes) (inint)* **discutir comigo**, *quando eu estou parado em roda de menina, conversando, (ruído) com os colegas também.* (PEUL)

(26) *F- Não, eles dão livros, não é? A gente lê também se quiser, mas se [não]- não ler também se ferra depois, não é? Porque a gente tem uma redação depois, em função daquele livro, mas pelo menos os livros que eles tem mandado são- não são aqueles livros chatos, assim: que* **gente fica**, *assim,* **meia atrás para ler.** (PEUL)

(27) *F- Só que a* **mulher**, *aí não pode*. **Está meia braba**. *Não, poder, pode! Não ela tem problema, sabe?* (PEUL)

(28) *F- É outra* **pergunta**, *também,* **meia**, *não é? Para gente entender a mente de um jovem hoje em dia, está meio brabo.* (PEUL)

(29) *Assim, que tem um- tem [umas]- umas* **palavras** *que eles dizem, que* **chegam a ser** *assim* **meia chocante**, *não é?* (PEUL)

(30) *F- Já trabalhando, não é? (est.) É, porque foi engraçado, não é? Primeiro pintou a prática, para depois pintar a teoria. Agora eu estou na teoria, estou no curso. Mas a prática realmente, sabe? É uma* **coisa** *assim* **meia violenta** (PEUL)

(31) *(riso)Aí, eu falei. "Que nada, não se trata disso: (riso) não, mas ele- aí, depois teve uma vez também que eu cheguei mais tarde. Minha mãe é ("mesmo") [meio]- meio louca, sabe? Minha* **mãe** *mesmo (est) super- mãe,* **é** *lá* **meia louca**. (PEUL)

(32) *F- Eu gosto! Muitas vezes,* **eu fui**, *(hes) assim,* **meia**- *(criança falando) de vez em quando, que eu acho que acontece com todo mundo: dá vontade de parar de <tudo>- (est) com tudo. Mas eu faço, porque eu gosto, e porque acho que exige, não é"?* (PEUL)

(33) *Então, conforme a visão vai clareando dentro [aquele]- daquele acontecimento- porque, quando, uma* **visão** *nova, ainda (hes) est* **meia turva**, *não é?* (PEUL)

(34) *Eu sei que as* **pessoas** *[na rua]- na rua* **me olham** *assim* **meia de banda**. *(est) se eu tenho que ir no colégio, se eu estou toda ruim aqui em casa, (muxoxo) se eu não estou muito, muito ruim, eu vou assim mesmo.* (PEUL)

(35) *Aquele monte de barbaridades e tudo. Mas, no interior, eles não estão acostumados a ver isso. (est) Para eles, isso nem existe como forma de vida. então de repente, chega a televisão, mostrando tudo isso, (est) eu acho que, uma* **descoberta** *assim* **meia assustadora**, *não? (est)* (PEUL)

(36) *E- E que que você acha, assim, das* **brigas** *entre a equipe dos homens e das mulheres [nessa]- nessa novela? F- Eu acho (inint)* ("**meia**") **engraçada**, *mas não (muxoxo) sei lá, eu acho que só em novela mesmo. É engraçada, a gente fica rindo, assim, mas eu não gosto não.* (PEUL)

(37) *(...) foy muy bõõ cavalleiro Roy Vaasquez; e foralhe entom boa a morte! E os mouros foronsse pera Gormaz. E deuvos esse dya o conde a* **Carraço** *por herdade, a* **mea pobrada**[6] *e a*

---

[6] *(...)* ***povo****ADO | poblado XIII, -brado XIV (...)* ***povo****AR | -blar XIII, -brar XIII etc. | Do lat. vulg. Populare, de populus.* CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 627.

(38) **mea por pobrar**. *E entom beyjou a cabeça de Diego Gonçalvez chorando,e possea em seu logar.* (*Corpus* do Português)

(38) *(...) ao Fazer dos Fartes / a cada farte dous pinhões / E esta* **especia d'acuquar** / *na Será tão cozida como há do mel por que o mel Reue & o acuquar Sequa. & quando amdar* **meya cozida** *a hão lhe de deitar Huûs poos de Relão damtrãbalas pineyras porque llya há Sy a estada d'acuquar como a do mel.* (*Corpus* do Português)

(39) *Choremos ambos*: **Vossa Senhoria** *<original> V.S. </original> a sua vaidade e frouxidão com que anda, como quem acorda, mas ainda* **meia adormecida**; *eu a minha ingratidão com que vivo, como quem não esperta, até quando peco de acordo.* (*Corpus* do Português)

(40) *Uma religiosa ma contou; mas eram mais os gemidos que as palavras. Soube que* **ela,** *quando descíamos na altura do Oiro, proferia em alta voz: <nl> - "Simão, adeus até à eternidade!" – E caiu nos braços duma criada. A criada gritou, e outras foram ao mirante, e a trouxeram* **meia-morta** *para baixo, ou morta, melhor direi, que nenhuma palavra mais lhe ouviram.* (*Corpus* do Português)

Nos dados acima, destacamos a diluição da CP, no nível da codificação, pela inserção de informações entre seus elementos, mas sua manutenção no nível cognitivo.

Silva et alii (2002, p. 331-334) pontuam que a inserção pode ser vista como uma estratégia que desempenha funções cognitivas e interacionais. Segundo os autores, uma das funções interacionais importantes das inserções é a de expressar a atitude do locutor perante o dito. As informações que são inseridas entre os elementos da CP o são por uma necessidade do enunciador de expressar uma determinada postura perante a validação da informação fornecida.

4.1.2 – O nível da cognição – modalização e flexão

Nesta etapa, voltaremos o olhar somente sobre as estruturas **(D)**, estudadas na seção anterior e interpretadas como sendo estruturas menos integradas do ponto de vista da proximidade de seus elementos no nível da codificação.

Nas estruturas **(D)**, como já pontuamos, os elementos que compõe a CP aparecem distanciados pela inserção de informações. No entanto, esse distanciamento não constitui um fator de prejuízo para a flexão do advérbio *meio*, ao contrário, revela-se como mais um fator de motivação para essa flexão. Entendemos que, aqui, a motivação acontece num nível maior de abstratização.

Os elementos da CP estão envolvidos num contexto que deixa transparecer maior carga de subjetividade e comprometimento do enunciador com a mensagem a ser transmitida. Tanto o substantivo feminino como o adjetivo feminino continuam exercendo influência e contribuindo para a flexão do advérbio *meio*, sendo que, nesse contexto, percebe-se algo a mais do que simplesmente a proximidade dos elementos.

Observamos que as informações inseridas entre os elementos da CP denotam uma postura de não-comprometimento do enunciador quanto à validação da mensagem.

O usuário da língua lança mão de determinados recursos para comunicar ao receptor sua imprecisão quanto à legitimação da mensagem a ser transmitida. Como nos lembra Castilho (2002), entendemos que o enunciador pode expressar sua impressão acerca do conteúdo da mensagem, veiculando também seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização e imprimindo sua marca na mensagem comunicada – no caso do fenômeno aqui analisado, percebemos a ausência de certeza e busca por relativizar essa mensagem.

Ao longo da análise, vamos observar, nas informações inseridas entre os elementos da CP, o uso de alguns recursos lingüísticos que apontam para um contexto comprometido com a

modalização da mensagem a ser transmitida, como o uso de determinados marcadores discursivos e/ou operadores argumentativos, hesitação, etc.

Pela natureza dos recursos a serem observados, vamos, neste momento da pesquisa, nos ater a exemplos representativos da modalidade oral da língua.

Partindo da premissa de que um item pode apresentar um uso específico (no nosso caso, o item *meia* como forma flexionada do advérbio *meio*), num dado contexto, vamos buscar correspondências entre o uso de determinados recursos lingüísticos e contextos pragmático-discursivos marcados pela modalização.

Percebemos que, nesta etapa da investigação, existe um contexto específico que motiva a flexão do advérbio *meio* e que esse contexto revela-se comprometido com a tentativa do enunciador de avaliar quantitativamente a mensagem transmitida.

Como nossa atenção está voltada para a existência de uma construção, vamos analisar, nos dados que se seguem, as informações que se colocam entre os elementos da CP e que contribuem para a modalização da mensagem, favorecendo, assim, a flexão do advérbio *meio*.

Vejamos os exemplos a seguir:

(41) *E outra. E, às vezes, o sujeito, também, chegar e pedir as coisas no hotel, não é? essa* **passagem**, *eu vou contar para vocês***. é meia**- *não, não vou contar esse não, porque eu estou- (hes) ela vai ficar gravada aí (riso) e o negócio [fica]- fica feio, não é? (riso) (est) mas essa dai é- [foi]- foi a mais* **dura** *que eu já vi, sabe*? (...) (PEUL)

● *eu vou contar para vocês* → temos a atenção voltada para a *passagem* (eu vou contar a passagem);

● *não, não vou contar esse não, porque eu estou- (hes) ela vai ficar gravada aí (riso) e o negócio [fica]- fica feio, não é? (riso) (est) mas essa daí é- [foi]- foi a mais* → após o item *meia,* percebemos um contexto marcado por indecisão e hesitação por parte do enunciador: deve ou não contar? (se contar, pode ficar gravada e o negócio fica feio, porque essa passagem é *dura*, na verdade, a mais dura que eu já vi).

Marcuschi (1999, p. 163 e 183) considera que a hesitação:

> (...) Tem um papel pragmático considerável e (...) revela as estratégias adotadas pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on line* de formas e conteúdos (...) O falante hesita para decidir *o quê* falar ou porque está decidindo *como* falar

Entendemos que no exemplo (42) o usuário tenta decidir sobre o assunto que vai falar: a dúvida gira em torno de falar ou não a respeito da passagem.

(42) *F- Ah! Foi terrível, não é? Foi terrível, que eu morava lá em cima- você sabe que o estado do não é uma* **terra meia** *assim,* **parece** (44) **abandonada**, **meia desabrigada**, *não sei? (est) Então, meu filho era pequeno, não é? (...)* (PEUL)

● *assim → (uma) terra meia assim ...* – atitude de não comprometimento do enunciador em relação à precisão das informações que se seguem (abandonada e desabrigada).

● *parece* → a terra parece abandonada, (parece) meia desabrigada. O verbo *parecer* também revela imprecisão – a terra parece (será que está mesmo abandonada?). Percebe-se uma postura de não compromentimento por parte do enunciador.

Martelotta (2004, p. 133.) afirma que o item lingüístico *assim*, ao longo da sua trajetória dêitico > marcador discursivo, passa por um processo de discursivização que o relaciona a um contexto de não comprometimento em relação à precisão das informações:

> O marcador *assim*, como ocorre com os marcadores discursivos em geral, assume a função básica de viabilizar o discurso no ato da comunicação falada (...) Através dele, o falante marca para o ouvinte, entre outras coisas (...) a insegurança ou não comprometimento do falante em relação à exatidão das informações transmitidas; as pós-reflexões e reformulações conseqüentes do dinamismo da fala, com o preenchimento das pausas (...)

O uso modalizado do elemento *assim*, citado acima, aplica-se aos contextos analisados nos exemplos (41), (42) e aos exemplos que se seguem:

(43) E- [*Tem nada a ver.] Como é que você acha, assim, que vai ser a tua vida de casado? F- (inint) Legal. (est) uma menina legal, uma* **menina** *um pouquinho* **ciumenta,** *não é?* **meia** *(hes) (inint) discutir comigo, quando eu estou parado em roda de menina, conversando, (ruído) com os colegas também* (PEUL)

● *um pouquinho* → o uso do diminutivo, aqui, atenua a noção do quanto a menina é ciumenta – revela um certo distanciamento do usuário da língua na tentativa de quantificar o "grau de ciúme" da menina.

● *não é?* → esse elemento apresenta uma função discursiva que demonstra um comentário avaliativo e uma certa imprecisão por parte do enunciador sobre o quanto a menina é ciumenta (se houve clareza ao quantificar essa condição).

Segundo Martelotta (1996, p. 278-279), o item *não é?*, que sofre uma redução fonética para *né?*, passa "(...) a funcionar inicialmente como uma pergunta retórica (que não pede resposta do ouvinte)", podendo "(...) assumir função discursiva quando marca comentários do falante em relação ao assunto falado".

No caso do exemplo (43), percebemos um uso modalizado do item *não é?*, relacionado a um contexto que envolve atenuação e hesitação.

(44) *F- Não, eles dão livros, não é? A gente lê também se quiser, mas se [não]- não ler também se ferra depois, não é? Porque a gente tem uma redação depois, em função daquele livro, mas pelo menos os livros que eles tem mandado são- não são aqueles livros chatos, assim: que* **gente fica**, *assim,* **meia atrás para ler.** (PEUL)

● *assim* → não comprometimento, imprecisão.

● *atrás para ler* → a expressão "atrás para ler" aparece no lugar de um adjetivo feminino (a gente fica meia "atrasada"). Tal contexto reforça a hipótese de que a forma flexionada do advérbio *meio* concorda com o substantivo feminino, já que não há o adjetivo feminino na CP.

(45) *F- Só que a* **mulher**, *aí não pode*. **Está meia braba**. *Não, poder, pode! Não ela tem problema, sabe?* (PEUL)

● *aí não pode* → "a mulher não pode alguma coisa". A atenção está voltada para o substantivo feminino *mulher*.

E- Dos jovens de hoje em dia. A cabeça (palmas) deles- como é que vai ser tudo isso com o pensamento [que]- que eles têm?(o falante expira) O futuro dessa geração!

(46) *F- É outra* **pergunta**, *também,* **meia**, *não é? Para gente entender a mente de um jovem hoje em dia, está meio brabo.* (PEUL)

● *também* → "também, mas que pergunta!". Temos a inserção de uma informação que focaliza o substantivo *pergunta.*

● *não é?* → pergunta retórica, imprecisão.

No caso do exemplo (46), dois fatores contribuem para que o item *meia* concorde com o substantivo *pergunta*: a ênfase no substantivo feminino e a ausência do adjetivo feminino.

(47) *Assim, que tem um- tem [umas]- umas* **palavras** *que eles dizem, que* **chegam a ser** *assim* **meia chocante**, *não é?* (PEUL)

● *que eles dizem, que* → "eles é que dizem isso, eu não tenho certeza se é verdade". Atitude de não comprometimento por parte do enunciador.

● *assim* → eles dizem que determinada coisa chega a ser *assim*, diferente de, por exemplo: eu digo ou eu sei que determinada coisa é. Não só a presença do elemento *assim*, mas todo o contexto é modalizado, demonstrando uma atitude de imprecisão e não comprometimento.

(48) F- Já trabalhando, não é? (est.) É, porque foi engraçado, não é? Primeiro pintou a prática, para depois pintar a teoria. Agora eu estou na teoria, estou no curso. Mas a prática realmente, sabe? É **uma coisa** assim **meia violenta** (PEUL)

● assim → não comprometimento e imprecisão

(49) (riso) Aí, eu falei. "Que nada, não se trata disso: (riso) não, mas ele- aí, depois teve uma vez também que eu cheguei mais tarde. Minha mãe é ("mesmo") [meio]- meio louca, sabe? Minha **mãe** mesmo (est) super- mãe, **é** lá **meia louca**. Uma vez eu estava- eu estava na minha rua, eu estava lá na rua que eu morava, fiquei lá conversando até duas horas da manhã, (est) aí, eu vim para casa, aí quando eu chego aqui, abro a porta, ela estava- toco a campanhia, não é? (PEUL)

● *mesmo super mãe* → "mãe que é mesmo super mãe". Informação que retoma e focaliza a atenção no vocábulo *mãe*.

● *lá* → "(ela) é lá meia louca". Nossa interpretação é de que, neste contexto, o item *lá* apresenta uma função de descompromisso do usuário em relação à informação prestada.

Esse uso modalizado de *lá* reporta à hipótese de Martelotta *et alii* (1996, p. 240), que admitem que:

> (...) existem duas trajetórias distintas que, partindo do valor dêitico espacial de *lá*, geram diferentes usos da partícula. Uma leva a partícula a assumir funções anafóricas e catafóricas, que, por sua vez, geram valores temporais e inferíveis. Outra faz com que a partícula assuma uma função modalizadora, que funciona como uma marca de afastamento ou desinteresse do falante em relação ao que fala, *grifo nosso*

(50) *F- Eu gosto! Muitas vezes*, **eu fui**, *(hes) assim*, **meia**- (*criança falando) de vez em quando, que eu acho que acontece com todo mundo: dá vontade de parar de <tudo>- (est) com tudo. Mas eu faço, porque eu gosto, e porque acho que exige, não é?* (PEUL)

● *assim* → além do não comprometimento e imprecisão marcados pelo elemento *assim*, temos, mais uma vez, a ausência do adjetivo feminino posposto ao *meia*.

(51) Esse problema foi, mais ou menos, ano passado, que ela teve- que, de repente, ela abriu as olhinhos e viu que ela estava um pouco diferente das outras pessoas. (est) Não? Então, conforme a visão vai clareando dentro [aquele]- daquele acontecimento- porque, quando, uma **visão** nova, ainda (hes) est **meia turva**, não? (est) E ela são pequenas, são uma visãozinha ainda pequenininha mas conforme elas vão estando conscientemente dentro [do problema]- do problema, as coisas vão se clareando e elas vão vendo e vão se acomodando ali tranquilamente. (PEUL)
● *nova, ainda* → "a visão ainda é nova". Ênfase no substantivo *visão*.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou fazer uma análise qualitativa do chamado fenômeno de flexão do advérbio *meio* na língua portuguesa. Procuramos mostrar, através dos resultados obtidos, que a referida flexão integra uma construção não-equivocada, mas aceitável.

Com base nos dados analisados, percebemos a existência de uma construção predicativa (CP) – substantivo (feminino) + *meia* + adjetivo (feminino) que, embora possa apresentar variados níveis e graus de integração, mantém-se como um todo unitário, motivador da flexão do advérbio *meio*.

Com relação ao nível da codificação, ou seja, ao nível de proximidade funcional de seus elementos, atestamos que a CP apresenta quatro graus distintos de integração: **(A)**, **(B)**, **(C)** e **(D)**.

O grau de integração **(A)** é aquele em que os elementos, estando mais próximos estruturalmente, apresentam maior grau de integração sintático-semântica. As CPs referentes aos exemplos relacionados a esse grau seguem o modelo proposto para a construção em estudo.

Do grau **(B)** até o grau **(D)** temos uma diluição e/ou variação da CP no nível da codificação, causada por fatores diversos: a presença do verbo, o adjetivo referindo-se ao próprio sujeito enunciador *eu* e inserção de informações entre os elementos.

Percebemos que, na medida em que os elementos que integram a CP vão apresentando graus diferentes, a proximidade desses elementos vai ficando menos no nível da codificação e mais no nível da cognição, num *continuum* – a proximidade continua a motivar a flexão do advérbio *meio*, mas num outro nível (o usuário faz a flexão do advérbio *meio* levando em consideração aquilo que está mentalmente junto, embora não esteja estruturalmente junto).

Outro fator significativo é a inserção de determinados recursos lingüísticos nas CPs de grau **(D)** que apontam para um contexto marcado pela modalização da informação. A própria inserção de informações em si pode ser vista como uma estratégia que expressa uma atitude do enunciador perante o enunciado.

Nos dados colhidos do PEUL, destacamos os seguintes recursos lingüísticos: hesitação; os verbos *acho* e *parece*; os marcadores *não é?*; *assim*; *lá* e as expressões *um pouquinho*, *eles dizem que*, *chega a ser*. Todos esses recursos apontam para uma tentativa por parte do enunciador de relativizar (avaliar) a mensagem.

A CP investigada não está diretamente relacionada a alguma sincronia específica, a algum tipo, ou gênero textual, ou mesmo à modalidade oral ou escrita da língua. Nos dados retirados do *Corpus* do Português, representativo de outras sincronias da língua, foram encontrados os seguintes recursos lingüísticos, também relacionados a uma postura de não-comprometimento com a validação da informação: hibridismo (o sentido de *um pouco*, *um tanto*, do advérbio aliado ao sentido de *metade*, do adjetivo; comparação; postura de imprecisão e de avaliação por parte do enunciador.

Com efeito, cada uma das hipóteses apresentadas neste trabalho procuraram oferecer ao leitor indícios de que existe uma construção predicativa, não-equivocada e favorecedora da flexão do advérbio *meio*. Entendemos que todas elas foram comprovadas e acreditamos ter dado conta dos objetivos propostos.

Sem pretensão de exaurir o tema, esperamos que os resultados obtidos tenham contribuído para um melhor entendimento do chamado fenômeno de flexão do advérbio *meio* na língua portuguesa.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÇADO, Jussara. *A unidirecionalidade e o caráter gradual do processo de mudança por gramaticalização*. Niterói: Artigo (UFF), 2005.

ALI, Manoel Said. *Gramática histórica da língua portuguesa.* 7. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica: Melhoramentos [s.d.].

AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de Gramática do Português.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica philosophica da língua portugueza.* Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1875.

BARBOSA, Mariana Gonçalves. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre adjetivos adverbializados***,** 2006. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BASÍLIO, Margarida. Flutuação categorial de base adjetiva do português falado. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do português falado vol. II: níveis de análise lingüística.* São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical.* São Paulo: Ática, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Lições de Português pela análise sintática.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa.* Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral*. 2. ed. Campinas: Pontes: Ed. Da Unicamp, 1988. V.1.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios.* Série Princípios. São Paulo, Ática, 1988.

_____. *Contribuição ao Estudo do Advérbio*. 1976. Tese de Doutorado. PUC/RJ.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian D. E JANA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. *The handbook of historical linguistics.* Oxford: Blackwell. 2003.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1981.
CAMARA JR. *Estrutura da Língua Portuguesa.* Petrópolis: Vozes, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Advérbios Modalizadores*. In: ILARI, Rodolfo. (org.). *Gramática do português falado vol. II: níveis de análise lingüística.* São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

CAVALIERE, Ricardo. *Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira.* Niterói, RJ: EDUFF, 2000.

_____. O Epítome de Antonio de Moraes Silva na historiografia gramatical brasileira. In: *Confluência – Revista do Instituto de Língua Portuguesa* (N.ºs 25 e 26). Rio de Janeiro – 1º e 2º semestres de 2003.

_____. *Os Marginais do Discurso*, 1990. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

_____. *Uma Proposta de Periodização dos Estudos Lingüísticos no Brasil***.** Confluência. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 23, 2002.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, FURTADO DA, M., OLIVEIRA, M. e MARTELOTTA, M. (orgs). *Lingüística funcional: teoria e prática.* Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

DECAT, M. B. *et alii* (org.) *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista.* Campinas: Mercado das Letras, 2001.

DIAS, Augusto Epiphanio da Silva. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: LCE, 1970.

FARACO, Carlos Alberto. *Estudos Pré-Saussurianos.* In*: Introdução à Lingüística.* São Paulo: Cortez, 1998.

FILLMORE, Charles J; KAY, Paul e O'CONNOR, Mary C. Regularity and idiomaricity in grammatical constructions. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psyclology of language: cognitive and functional approaches to language structure*: *Vol. 2*. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publischers, 2003.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.

GIVÓN, Talmy. *Sintax*: Vol I. Amsterdam/Philadehia: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adele E. *Construtions: A Construction Grammar Approuch to Argument Structure.* Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. e Jana, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

HEINE, Bernd e KUTEVA, Tania. *World lexicon of grmmaticlization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike e HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A conceptual framework.* Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, Paul J. Emergent Grammar. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publischers, 1998.

_____. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth C. E HEINE, Bernd (eds). *Approaches to grammaticalization Vol.1: focus on theoretical and methodologicl issues.* Amsterdam/philadelphia: John Benjamins Publishing Companu, 1991.

HOPPER, Paul J. e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática.* Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

_____. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Sintaxe Portuguesa para a linguagem culta contemporânea.* Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.

ILARI, Rodolfo *et alii*. *Considerações sobre a posição dos advérbios*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org). *Gramática do Português Falado*. Unicamp: Editora da Unicamp, 2002.

JUCÁ (filho), Cândido. *As categorias gramaticais (adjetivos determinativos).* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1953.

KOCH, Ingedore G. Villaça *et alii*. Estratégias de desaceleração do texto falado. In: KATO, Mary A.. (org). *Gramática do Português Falado*, vol. V. Unicamp: Editora da Unicamp, 2002.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

LANGAKER, Ronald W. *Construction Grammars: Cognitive.* University of Chicago Press, 1987.

MACAMBIRA, José Rebouças. *Português Estrutural*. Fortaleza: Pioneira, 1978.

MACEDO, Alzira V. Tavares de. *Funcionalismo.* Veredas: revista de estudos lingüísticos, Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, (V.1 – nº 2) – Jan/Jun – 1998.

MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva baseada nas doutrinas modernas.* Rio de Janeiro/São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1931.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A Hesitação*. In: MOURA NEVES, Maria Helena de. (org). *Gramática do Português Falado*, vol. VII. Unicamp: Editora da Unicamp, 1999.

MARTELOTTA, Mário, VOTRE, Sebastião Josué & CESÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português* do *Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

MARTELOTTA, Mário, VOTRE, Sebastião Josué & CESÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Operadores argumentativos e marcadores discursivos.* In: *Gramaticalização.* Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.

MEIER, Harri. Adjetivo e advérbio. In: *Ensaios de Filologia Românica*. Rio: MEC, 1973.

MELO, Gladstone Chaves de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa.* São Paulo: Martins Fontes, 1985.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *A Gramática Funcional.* São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

MOURA NEVES, Maria Helena de. A Modalidade. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. (org). *Gramática do Português Falado, vol. VI: Desenvolvimentos*. Unicamp: Editora da Unicamp, 2002.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O Funcionalismo em Lingüística. In: *Introdução à lingüística.* São Paulo: Cortez, 1998.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Serões grammaticaes ou nova grammatica portugueza.* [Bahia]: Livr. Catilina de Romualdo dos Santos, 1890.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza.* 10. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1911.

ROSCH, Eleanor. Natural Categories. *In: Cognitive Psychology*, v. 4, 1973.

ROSCH, E. & Mervis, C.B. Family resemblance: Studies in the internal structures of categories. *Cognitive psychology*, v. 7, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística geral.* São Paulo: Cultrix, 2000.

SILVA, Augusto Soares da. *A Lingüística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em lingüística*. Universidade Católica – Faculdade de Filosofia de Braga: texto mimeografado, 2001.

SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de. Estratégias de desaceleração do texto falado. In: KATO, Mary A.. (org.). *Gramática do português falado vol. V: Convergências*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and culturas aspects of semantic structure***.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization – prototypes in Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs.*'All he endeavoured to prove was...': constructional emergence from the perspective of gramaticalization.* Standford University: texto mimeografado, 2007.